



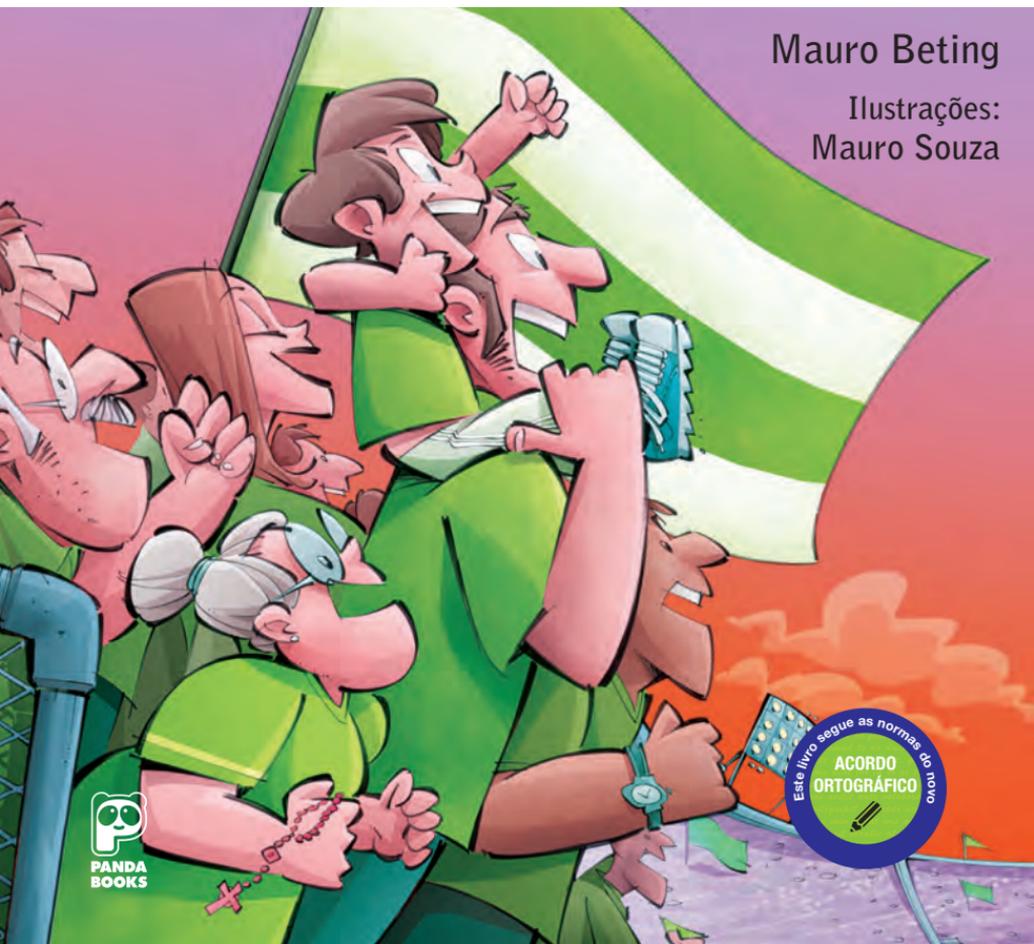
O dia em que me tornei...

EDIÇÃO  
ATUALIZADA

# PALMEIRENSE

Mauro Beting

Ilustrações:  
Mauro Souza



  
PANDA  
BOOKS

Este livro segue as normas do novo  
**ACORDO  
ORTOGRAFICO**

© Panda Books

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Diretora comercial  
*Patty Pachas*

Diretora de projetos especiais  
*Tatiana Fulas*

Coordenadora editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Assistentes editoriais  
*Alice Vasques de Camargo*  
*Lucas Santiago Vilela*

Assistentes de arte  
*Alex Yamaki*  
*Daniel Argento*

Projeto gráfico  
*Daniel Kondo*  
*Flavio Peralta*

Capa  
*Ana Miadaira*

Diagramação  
*Estúdio O.L.M.*

Colaboração  
*Amauri Segalla*  
*André Lacerda*  
*Rodolfo Rodrigues*

Preparação  
*Imidio de Pina Barros*

Revisão  
*Telma Baeza G. Dias*  
*Márcio de Araújo*  
*Alessandra Miranda de Sá*  
*Carmen Costa*

Impressão  
*Bartira*

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Beting, Mauro, 1966-  
O dia em que me tornei palmeirense/ Mauro Beting. – 2. ed. – São Paulo:  
Panda Books, 2013. 96 pp.  
(O dia em que me tornei...)

ISBN: 978-85-7888-285-3

1. Sociedade Esportiva Palmeiras – História. 2. Clubes de futebol – São Paulo (SP). 3. Futebol – Brasil – História. I. Título. II. Série.

---

13-00108

CDD: 796.334098161

CDU: 796.332(815.61)

2013

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para o Palmeiras – todas as linhas atacantes de raça.

Para os amigos de verde e de vida – 12 de junho de 1993.

Para a família – a Itália do Palestra.

Para o irmão Gianfranco – uma tarde na Turiaçu com o Tom e o Tico.

Para a Nonna e o Nonno – o amor dos netos.

Para a Mamma Helen – o Luca e o Gabriel.

Para os filhos Luca e Gabriel – o Palmeiras.

# Sumário

**O INÍCIO DO PALMEIRAS 25**

**OS TÍTULOS MUNDIAIS E NACIONAIS 31**

**OS 10 MAIS 40**

**A HISTÓRIA NOS CLÁSSICOS 60**

**OS MELHORES DE TODOS OS TEMPOS 71**

**CURIOSIDADES 88**







A Vó Albertina não era palmeirense. Preferia “palmeirista”. Seu problema de saúde nunca a deixou ir ao Palestra Itália ver o time jogar. Mas não conheço ninguém que tenha estado e jogado em tantos estádios como ela. Nem o Palmeiras jogou tantas vezes e tão bem como a Vó Albertina. Ela sempre esteve lá. Antes de o time

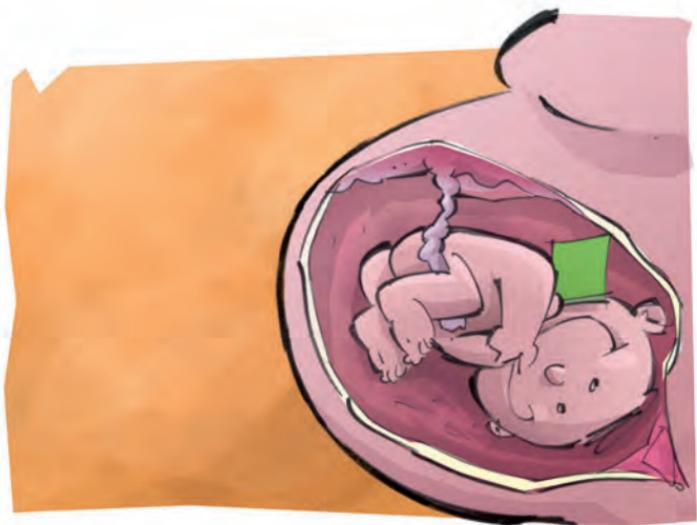
chegar a campo, já acendia velas e rezava para os “meninos”, como ela chamava os jogadores, tão netos dela como eu e o meu irmão mais velho. Depois do jogo, quando não havia mais ninguém que acreditasse em algo, ou mesmo no time, ela acendia mais velas.

O Palmeiras precisava de luz. A Vó Albertina iluminava. Acendia o fogo.

Pelo rádio ou pela televisão ela estava lá. Até perto do campo do Palmeiras foi morar. Tinha jogo que dava para ouvir o gol do Verdão da casa dela. Dava até para ouvir os gols que não tinham saído. Porque em sua

casa o Palmeiras não perdia. E não dava para perder um jogo na casa da Vó Albertina.

Virei palmeirense antes de virar gente, em 1966. Era um bem de família. Meu pai nasceu Palestra Itália, que era o nome do nosso time, em 1936. Minha mãe nasceu Palestra de São Paulo, nosso segundo batismo,







em 1942. Quando nasci Palmeiras de pai e mãe, a primeira Academia de Ademir da Guia foi campeã paulista. Eu não poderia virar outra coisa. Chorei quando a segunda Academia ganhou o Brasileirão de 1972. Meus pais não me deixaram ir ao estádio. Tiveram de comprar meu primeiro jogo de futebol de botão. Coitado do Santos, que tinha até Pelé! Perdeu por 7 x 0 para o meu Palmeiras.

Só fui ver o Pelé de verdade no ano seguinte. Quer dizer, fui, mas não o vi. Toda vez que o “Rei” pegava na bola eu tapava os olhos de medo. Ele fez o gol do Santos e eu não vi. Mas o gol de empate do Palmeiras não perdi. E não perdi mais

jogos. Eu ganhei o Palmeiras. Meses depois, gritei bicampeão do Brasil no colo do meu pai, ao lado da minha mãe. Ela não gostava de futebol. Mas estava lá. Porque mãe gosta tanto da família como o torcedor gosta de um time. Nasce amando. E nem pede para ser amado.

Foi assim quando ficamos 16 anos sem ganhar títulos. Teve palmeirense

